

# Resenha - SANTOS, L. R. dos. Kant: Pensador da Terra<sup>1</sup>

[Lisboa: Colibri, 2022b]

**Inês Beatriz Dias Ferreira<sup>2</sup>**

Universidade de Lisboa (Lisboa, Portugal)

DOI: 10.5380/sk.v24i1.98234

---

<sup>1</sup> Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito da bolsa individual de doutoramento com a referência 2025.05456.Bd e do projecto UID/00310/2025, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa (<https://doi.org/10.54499/UID/00310/2025>).

<sup>2</sup> Estudante de Doutoramento na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com um projeto de investigação financiado no âmbito de uma bolsa de Doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Faz parte do grupo de História da Filosofia (HPhil) do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. E-mail: [inesbeatriz@edu.ulisboa.pt](mailto:inesbeatriz@edu.ulisboa.pt). ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-5135-4337>

O volume de ensaios *Kant: Pensador da Terra*, da autoria de Leonel Ribeiro dos Santos, vem à estampa em 2022, o mesmo ano em que é publicada a obra *A razão bem temperada: Do princípio do gosto em filosofia e outros ensaios kantianos* (Santos, 2022a). Em ambos os projetos de publicação está patente o esforço de tornar acessível ao público, especializado e não-especializado, a mais recente produção filosófica do autor. No caso de *A razão bem temperada*, lá se reúne um conjunto de ensaios redigidos nos últimos oito anos, agrupados em função de três grandes linhas temáticas do pensamento kantiano: a primeira, sobre o chamado *modo de pensar* kantiano, com a sua linguagem e poética próprias; a segunda, sobre filosofia moral, política e antropologia; e a terceira, sobre a receção, tanto da filosofia antiga e contemporânea por parte de Kant, como da própria filosofia kantiana por parte dos pensadores vindouros. Já *Kant: Pensador da Terra* apresenta-nos quatro ensaios, unidos, contudo, por um tópico comum. Trata-se, assim, e como o título da obra justamente declara, de estudar o pensamento de Kant sobre a Terra, ou sobre a geografia, em face de quatro ângulos de análise distintos, com questões e implicações próprias.

O motivo que justifica a importância da publicação deste volume será facilmente reconhecido, tanto pela hermenêutica kantiana, como pelo público menos especializado, porventura conhecedor das ideias que sobre o filósofo se têm perpetuado no decorrer dos anos e que se têm vindo a firmar com cada vez maior preponderância; para referir algumas, a acusação de que a sua filosofia estaria reduzida à questão dos apriorismos, ou que permaneceria absolutamente demarcada do domínio da experiência sensível, ou ainda que revelaria falta de interesse pela pluralidade cultural. Estes são preconceitos que frequentemente revelam uma interpretação parcial e pouco atenta do *corpus* do filósofo, e que se deixam alimentar de uma prática hermenêutica que escolhe seccionar arbitrariamente o estudo de um autor, afirmando a superioridade de uma parte da sua filosofia em face das restantes, e assim impede uma visão orgânica do conjunto da sua produção intelectual (Santos, 2022b, p. 10-11). É em contraste com estas tendências que o trabalho de Leonel Ribeiro dos Santos vem à luz. Não é, por isso, de estranhar o título da obra: consiste um dos objetivos do autor em mostrar de que modo é, afinal, possível ver Kant como um pensador da Terra – desta mesma Terra que *fisicamente* habitamos, da qual *dependemos*, e a respeito da qual vale a pena pensar a nossa *relação* com ela (Santos, 2022b, p. 9). Outro objetivo devidamente cumprido é o de tornar claro o modo como a envolvimento de Kant com as questões da geografia – esta entendida num sentido amplo, mais amplo do que o que lhe atribuímos atualmente – influi decisivamente nos vários eixos de análise da sua filosofia, tanto teórica como prática.

A suportar a investigação conduzida por Leonel Ribeiro dos Santos está um amplíssimo conhecimento do corpo de textos kantiano. Em particular, no presente volume, são os escritos comumente ditos de juventude, ainda muito pouco estudados pela hermenêutica, que tomam o lugar principal. A abordagem a estes textos permite dar conta, não apenas da sua fecundidade própria, como também da sua importância para melhor compreender o real alcance das teses mais conhecidas do filósofo, apresentadas no famoso período crítico. No primeiro ensaio, cujo título coincide com o da obra, “Kant, pensador da Terra” (Santos, 2022b, p. 17-60), é estudada a relação do homem com a Terra e o Cosmos. Nele se faz uma análise detalhada de três escritos de juventude, dois de 1754 (*Investigação da questão: se a Terra na sua rotação sobre o eixo, mediante o que se produz a alternância do dia e da noite, sofreu alguma alteração desde os primeiros tempos da sua origem, e como podemos certificar-nos disso* e *A questão, se a Terra envelhece, fisicamente considerada*) e um do ano seguinte *História universal da natureza e teoria do céu*. É destacado o interesse de Kant pelas ciências do seu tempo, mormente pela física e astronomia, e o modo como estas áreas de estudo, além de terem contribuído decisivamente para o panorama conceptual e temático que caracteriza distintamente o modo de pensar kantiano, foram devidamente desenvolvidas pelo filósofo, a tal ponto que muitas das hipóteses por ele esboçadas vieram então a ser agraciadas pelas ciências do século seguinte (Santos, 2022b, p. 28). Segue-se a análise do esboço de História natural da Terra a que o jovem Kant se dedicou com particular interesse nos primeiros anos da sua produção filosófica, e através do qual procurou explicar como, do caos desorganizado e

originário do mundo, o planeta se veio a constituir como um lugar mais ou menos estável de vida (Santos, 2022b, p. 31). Tal levá-lo-á a sugerir a existência de um *Weltgeist*, um “espírito do mundo”, que, mediante sucessivas destruições, revoluções e catástrofes, produz incessantemente novas realidades e transformações dessas realidades (Santos, 2022b, p. 32). O interesse de Kant pelo tema desde cedo se mostra, contudo, moldado pelas preocupações que preencherão a sua filosofia madura. Assim, o tópico geográfico é reenviado para um domínio canonicamente kantiano, a saber, o da questão da destinação do homem, agora considerado de um ponto de vista cosmológico. À semelhança da posição intermédia que a Terra ocupa no sistema solar e da sua instável condição, produtora de constantes transformações e desestruturas da realidade aparentemente consolidada, também o homem estaria colocado numa posição intermédia, em que “sendo habitante do mundo físico, é ao mesmo tempo membro do mundo moral, e religa em si a representação do e a pertença ao mundo físico com a sua participação como pessoa livre no mundo moral [...]” (Santos, 2022b, p. 41). A cosmologia kantiana fornece ainda, por fim, contributos importantes para pensar a experiência estética. Na sua aparente paz e ordem, a apreciação estética da Natureza daria a ver o verdadeiro significado do sentimento do belo, através do qual o sujeito frui a harmonia dos objetos que o rodeiam; contudo, por outro lado, com o seu poder destrutivo, a Natureza seria ainda responsável pelo irromper do sentimento do sublime, por via do qual cada um compreende a sua pequenez em face dos fenómenos que absolutamente o transcendem em força e poder, ao mesmo tempo que descobre em si um poder ilimitado e incondicionado, que não está adstrito ao domínio físico (Santos, 2022b, p. 57).

O segundo ensaio, “Um filósofo com os pés na Terra: pensamento geográfico e consciência cosmopolita” (Santos, 2022b, p. 61-113), tem como mote principal o de mostrar a pregnância do pensamento geográfico para as múltiplas faces da filosofia kantiana. O autor põe em destaque os Cursos de Geografia que Kant lecionou em Königsberg durante 40 anos, a partir de 1756. A indiferença tantas vezes concedida a esta faceta do pensamento kantiano é fruto, desde logo, das condições dúbias em que os textos nos chegaram às mãos, à custa do trabalho de edição levado a cabo por um antigo aluno de Kant, Friedrich Theodor Rink. Mas ela deve-se ainda a um preconceito impregnado na interpretação do *corpus* kantiano que tende a desvalorizar esta parte da sua produção, na medida em que se encontra repleta de considerações circunstanciais ou desatualizadas (Santos, 2022b, p. 67-69). Na arquitetura do pensamento kantiano, o estudo da Geografia não é despidendo para o da Filosofia, assim como o da Filosofia não o é para o da Geografia: a Filosofia aprende com a Geografia sobre a variedade da experiência sensível e a Geografia, por sua vez, colhe o raciocínio sistematizador e arquitetónico da Filosofia, que permite encontrar os princípios comuns e universais dessa variedade (Santos, 2022b, p. 87). Ora, é justamente desta relação, em que as duas partes se nutrem mutuamente, que se torna compreensível o lugar subsidiário que, ulteriormente, tais considerações ocupam na filosofia de Kant. Destaque-se ainda o facto de o pensamento espacial e geográfico estar presente no modo de conceber a filosofia transcendental kantiana. Em especial, o uso de metáforas é inúmeras vezes preferido por Kant para explicar alguns dos aspetos mais canónicos da sua meditação filosófica<sup>3</sup>. É o que sucede com a metáfora da esfericidade da Terra. Ela servirá, na perspetiva do projeto das *Críticas*, para explicar como se deve, tal como com o estudo da Terra, fazer uma topografia da razão que trace as suas dimensões e respetivas fronteiras (Santos, 2022b, p. 105); mas servirá também, no plano político, para explicar como, em face dos limites intransponíveis da Terra que partilham, os homens terão enfim que se encontrar e formar uma comunidade política devidamente organizada, em que já não imperam os conflitos ou as guerras para resolver os litígios, mas o princípio do direito (Santos, 2022b, p. 107-108).

O terceiro ensaio, “Pensar a catástrofe, pensar o acontecimento: os ensaios de Kant sobre o Terramoto de Lisboa” (Santos, 2022b, p. 115-143), presta justamente a devida atenção aos

<sup>3</sup> Este tema, sobre a linguagem poética e metafórica kantianas e a sua pregnância para melhor compreender a filosofia do autor, foi aprofundadamente desenvolvido por Leonel Ribeiro dos Santos no seu trabalho de doutoramento e, desde então, tem permeado muita da sua produção filosófica: SANTOS, L. R. dos. *Metáforas da razão ou economia poética do pensar kantiano*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.

escritos kantianos sobre o Terramoto de Lisboa, publicados em 1756. Embora movidos pela urgência de debater criticamente este funesto acontecimento que marcou o século XVIII, os ensaios permitem, acima de tudo, perceber como o interesse do jovem filósofo pela cosmologia e cosmogonia se revela útil para compreender o sentido dos fenómenos físicos da Terra. Em face da História natural que Kant vinha esboçando e que via a Natureza como um *processo* de constante renovação e transmutação, pode justificar-se o Terramoto de Lisboa a partir de uma certa economia da Natureza: ao lado dos fenómenos mais banais e dos mais belos e harmoniosos, ele constituir-se-ia como um acontecimento, sem dúvida trágico, mas indutor de transformação (Santos, 2022b, p. 132). A interpretação kantiana insere-se num debate cujas figuras titulares eram Voltaire (com o seu *Poème sur le désastre de Lisbonne*, de 1756) e Rousseau (com a *Lettre à Monsieur de Voltaire*, também de 1756), e contribui para uma visão renovada sobre a História e os seus acontecimentos. Se Voltaire acusara Deus de irresponsabilidade moral, Rousseau acusara os homens de imporem o seu modo de vida sobre a Natureza, o que naturalmente teria feito desabrochar a revolta da Terra (Santos, 2022b, p. 139-140). Para Kant, porém, as catástrofes naturais podem ser positivamente interpretadas, sem que se culpe diretamente Deus ou os homens, mas delas retirando uma importante lição de prevenção e de cuidado para com a Terra (Santos, 2022b, p. 135). E, uma vez mais, também elas permitem reenviar o homem para a mais importante tarefa que tem em mãos: elas fazem-no pensar a sua limitada condição física, e por isso a necessidade de se concretizar plenamente enquanto ser moral (Santos, 2022b, p. 142).

O último ensaio, “Do colonialismo ao cosmopolitismo: para uma nova lei da Terra e dos povos” (Santos, 2022b, p. 145-174), mostra como, na base da ideia kantiana de um *ius cosmopoliticum*, está presente a influência, não apenas de alguns pensadores modernos, como Hugo Grócio, nem apenas do estoicismo, habitualmente associado ao pensamento cosmopolita kantiano, mas ainda dos pensadores da Escola Ibérica da Paz, nomeadamente por via de Francisco de Vitoria e Francisco Suárez. Trata-se de uma influência que, não sendo direta, o é pelo menos em termos de afinidade de ideias, de tal modo que se pode dizer que em ambos os casos se encontra a clara convicção de que a paz somente é possível mediante a afirmação de princípios de justiça aplicáveis, não apenas à relação entre cidadãos de um mesmo Estado, mas ainda à relação entre Estados e nações (Santos, 2022b, p. 147). Com efeito, o direito cosmopolita, fundamentado na comum posse originária da Terra, assume um efetivo lugar de destaque no edifício jurídico kantiano. Ele deixa de ser um vago sentimento filantrópico, sem consistência jurídica, para passar a ser uma modalidade do direito público, que enquadra e completa as suas outras duas formas, o direito civil e das gentes, e garante um estado de verdadeira união e solidariedade entre os homens (Santos, 2022b, p. 155-157). Destaque-se, por fim, a última secção do ensaio de Leonel Ribeiro dos Santos, dedicada a uma faceta do pensamento kantiano tendencialmente desvalorizada e, aliás, frequentemente confundida com o seu contrário<sup>4</sup>. Falamos da crítica veemente do Professor de Königsberg ao colonialismo. A violência exercida pelos Europeus no decorrer dos séculos, sob a aparência das melhores intenções, violou consecutivamente os pressupostos e o alcance do direito de visita e hospitalidade que o cosmopolitismo kantiano prevê, pelo que não deixará de ser alvo de duras críticas (Santos, 2022b, p. 164). Nesse sentido, se é certo que a metáfora da esfericidade da Terra ajuda a compreender o modo como os homens, unidos num espaço limitado, são obrigados a estabelecer relações entre si, certo é também que essa união pressupõe a conservação da diversidade, e não o amalgamento dos vários povos do mundo numa cultura hegemónica europeia.

A obra de Leonel Ribeiro dos Santos apresenta, em suma, um muito claro e sempre lúcido desenvolvimento de um tópico que permanece obscurecido nos estudos kantianos. Trata-se de um volume de ensaios, pelo que a abordagem a certos assuntos se revela, por vezes, introdutória. Ele tem, não obstante, o mérito de muito bem mostrar que, ao cabo de largos séculos, a filosofia de Kant continua repleta de caminhos investigativos profícuos e sem dúvida merecedores de atenção. A geografia kantiana é justamente um deles. Sendo um tema de marcada importância

<sup>4</sup> O tópico é abordado com maior profundidade num outro ensaio do autor: “O eurocentrismo crítico de Kant” (In: COSTA, F. G.; SILVA, H. G. da. *A ideia romântica de Europa: Antigos caminhos, novos rumos*. Lisboa: Colibri, 2002).

filosófica, ele é-o ainda pela pregnância de sentido para a atualidade. Auscultar esta atualidade e torná-la evidente tem sido, com efeito, um dos motivos que permeia há muitos anos a produção filosófica do autor e que, também em *Kant: Pensador da Terra*, não passa despercebida. Nele se encontram, no decorrer das páginas, várias observações, direcionadas de um modo certo para os seus alvos, sobre o estado atual de coisas, tão marcadamente *anti-kantiano* em diversos sentidos. Assim, numa linguagem que é tão límpida quanto categórica nas suas convicções, refere Leonel Ribeiro dos Santos:

Enquanto esse “admirável futuro” que já tem ampla literatura e ficção não chega, e com ele, porventura, o adeus definitivo à condição telúrica do homem (como alguns desejam e até recomendam, outros prometem e anunciam, e outros até já vendem), espero que esta evocação que aqui se faz do pioneirismo de Kant em colocar a Terra e a relação do Homem com ela não só como objeto de uma disciplina universitária [...], mas também como assunto explícito de meditação filosófica em vários planos, possa servir de estímulo e desafio para que os filósofos de hoje desçam por um momento do céu das suas ideias à Terra e, por uma vez, sejam ainda capazes de a pensar antes, talvez, da total depredação ou acelerada e irreversível destruição pelos humanos deste pequeno planeta que lhes foi dado por habitação, e onde, segundo tudo o indica, tão aleatoriamente foi possível a emergência disso tão maravilhoso e tão raro, e, que se saiba, até agora tão único, a que chamamos Vida. Que, enquanto não se fabrique [...] alguma nova espécie de trans-humanos ou pós-humanos, se pense ainda por uma vez o que falta cumprir daquilo que o filósofo de Königsberg entendia ser apenas, mas plenamente, um Homem (Santos, 2022b, p. 22-23).

Se dúvidas restassem, o pensamento geográfico revela a sua importância para a atualidade, absorva nas maquinações de um futuro que quer promissor, fecundo e luminoso, mas incapaz de conservar o cuidado necessário para, em primeiro lugar, pensar o presente, terrivelmente devastado pelas mãos humanas. Pelo que regressar a Kant e ao seu pensamento geográfico tem, desde logo, esta muito importante tarefa: a de nos fazer pensar a Terra, a sua condição, mas também a relação que com ela estabelecemos e a nossa mesma condição. Eis uma tarefa deveras urgente. Era-o já no tempo do Professor de Königsberg; mas é-o ainda, de um modo indiscutível, nos tempos presentes.

## Referência

COSTA, F. G.; SILVA, H. G. da. *A ideia romântica de Europa: antigos caminhos, novos rumos*. Lisboa: Colibri, 2002.

SANTOS, L. R. dos. *Metáforas da razão ou economia poética do pensar kantiano*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.

SANTOS, L. R. dos. *A razão bem temperada: do princípio do gosto em filosofia e outros ensaios kantianos*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2022a.

SANTOS, L. R. dos. *Kant: Pensador da Terra*. Lisboa: Colibri, 2022b.